

# PROJETO LÍNGUA, ESCOLA E SOCIEDADE (LES)

## Abstract

*The project Language, School and Society is an integrated project realized in public schools in Piauí, and is constiyuted by five subprojects sharing the same justification and methodological procedures. It dedicates special attention to the disproportion between the production of linguistical knowledge and the language teaching, in particular the mother tongue.*

**Palavras-chave:** etnografia; colaborativa; escola; comunidade.

A proposta metodológica do projeto Língua, Escola e Sociedade está baseada metodologicamente na etnografia, na microetnografia e na pesquisa colaborativa, enquanto abordagens entre si compatíveis e complementares, conforme sintetizadas a seguir:

“A etnografia, conforme tradição da pesquisa qualitativa, na linha proposta por Gumperz e Hymes (1972), Saville Troike (1982) e outros, consiste na observação participante e na descrição, visando à análise interpretativa das ações investigadas.” (Costa et alli, 1998, 1-2)

“A análise microetnográfica, na linha proposta por Erickson (1990), concilia os princípios da pesquisa etnográfica com a análise detalhada de dados gravados em vídeo e áudio.” (Costa et alli, 1998, 1-2)

“A pesquisa colaborativa (também chamada de capacitação), enquanto uma proposta crítica (Magalhães, 1994; Cameron, 1992) propõe o envolvimento ativo dos sujeitos pesquisados na condução da pesquisa, cuja proposta e desenvolvimento são amplamente discutidos e avaliados com esses sujeitos.” (Costa et alli, 1998, 1-2).

Essa pesquisa tem se caracterizado desde o seu início pela busca de um modelo ou de uma proposta de investigação que possibilite a auto-reflexão dos pesquisados e pesquisadores acerca do objeto que investigam, no caso específico, o ensino de língua, como uma tentativa de “...percepção de problemas linguísticos presentes em situações sociais e de ensino, em

geral e, particularmente, em situações de ensino de língua” (Costa, 1997). O projeto está sendo desenvolvido em uma escola da periferia de Teresina que atende à comunidade do bairro Vila Bandeirante. Com uma população de cerca de 10.000 habitantes (1995), esse bairro possui apenas duas escolas, uma municipal e uma comunitária. A escola municipal atende às 8 séries do Ensino Fundamental e a escola comunitária funciona em dois locais diferentes, atendendo a 160 crianças no ensino pré-escolar e alfabetização, nos turnos manhã e tarde. Os membros da escola comunitária e a comunidade a que atende são o alvo da pesquisa.

Os dados nos quais se baseia este trabalho foram obtidos principalmente durante uma sessão de exibição de um vídeo de uma aula de um dos professores da escola gravado a mais de um ano atrás, bem como dados de aulas de outros professores da escola, registrados durante observações realizadas no mês de agosto de 1999. O vídeo já havia sido entregue aos professores para que o analisassem e nos apresentassem comentários sobre a aula ali registrada. Sentimos por parte deles uma certa resistência em nos apresentar os resultados de suas observações, pois quando interpelados sobre o mesmo, apenas riam e pouco falavam, e a professora cuja aula fora registrada dizia sempre não tê-lo visto ainda. Diante das dificuldades de obter alguma avaliação da aula pelos próprios professores, decidimos então realizar um encontro para juntos assistirmos ao vídeo e observarmos a aula em questão.

O objetivo dessa atividade conjunta foi tentar fazer uma reflexão sobre o desempenho dos professores em sala de aula, a partir da aula exibida no vídeo.

## A sessão de vídeo

A sessão foi realizada em um local fora da escola, na casa das freiras responsáveis por ela. Além da cozinheira, não havia mais ninguém na casa, tendo participado da sessão os quatro professores e duas pesquisadoras. Logo no início, as pesquisadoras procuraram conversar com os professores presentes so-

bre o trabalho de cada um em sala de aula, perguntando sobre como foi o trabalho na escola no último semestre (1.º de 1999). Depois de um relato sobre suas atividades, solicitamos-lhes ainda que, se possível, destacassem os aspectos que consideraram mais importantes e que tenham contribuído para a melhoria de seu desempenho. Após as considerações de cada um, as pesquisadoras reafirmaram a importância da pesquisa no sentido de investigar problemas de ensino de língua, conforme percebidos por professores e pesquisadores, daí o motivo dessa atividade conjunta para a avaliação do vídeo de uma aula ministrada por uma professora daquela escola. Lembramos então que durante a sessão, eles poderiam comentar ou levantar qualquer discussão sobre o trabalho que desenvolvem.

Durante a exibição do vídeo, os professores permaneceram em silêncio, salvo algumas poucas observações da professora cuja aula estava sendo exibida. Nesse caso as observações não diziam respeito à aula propriamente mas a sua aparência, como por exemplo, à maneira como usava o óculos: *“Não tem jeito de eu usar o óculos nos olhos! (referindo-se a sua imagem com o óculos no nariz). Muitas pessoas me chamam a atenção para isso. (Risos...)”*

Tentamos várias vezes provocar uma discussão sobre o que era exibido no vídeo, argumentando que a aula havia sido ministrada há mais de um ano. A professora que ministrara a aula falou que os colegas teriam mais condições de comentar o vídeo do que ela própria. Todos riam mas continuaram calados.

Tentamos mais uma vez instigá-los a se manifestar sobre o vídeo, formulando as seguintes perguntas: Das ocorrências daquela aula, há mais de um ano atrás, quais delas atualmente não mais ocorriam? Ou seja, havia algum problema na aula deles que não existe mais? Qual ou quais? A resposta foi imediata: havia procedimentos que não mais adotavam e começaram a enumerá-los.

Problemas que não mais ocorriam.

1.º - a dispersão física dos alunos na sala que obrigava o professor explicar as tarefas de carteira em carteira; 2.º - o próprio material do aluno que era feito em papel jornal, portanto pouco visível; 3.º - a introdução da aula apresentada está pouco consistente, para que os alunos compreendam a tarefa.

E o que melhorou:

1.º - As condições físicas da escola. As carteiras individuais foram substituídas por mesinhas para 6 alunos, facilitando o trabalho do professor e o controle da turma; 2.º - Um pouca mais de material, e de melhor qualidade, apesar de ainda ser pouco; 3.º - Eles melhoraram o atendimento aos alunos por conta da própria experiência.

Perguntamos-lhes ainda se eles se lembravam de algum acontecimento que os teria ajudado durante esse tempo. E todos lembraram de um treinamento de 5 dias sobre Alfabetização e Artes, ministrado por uma supervisora da Prefeitura Municipal de Teresina, no início de 1999.

Solicitamos-lhes que nos informassem com detalhes como foi esse curso e do que tratou. Responde-

ram então que foi *“Um curso de técnicas e atividades de alfabetização”* e durante o mesmo *“...foi ensinado como trabalhar com rótulos, com frases dos alunos...”* Pedimos-lhes que nos dissessem como estavam trabalhando com os rótulos. Eles responderam que não trabalharam com rótulo, nem com frases dos alunos porque não sabiam exatamente como fazer isso. Por fim lembramos-lhes que já havíamos trabalhado com eles, durante 3 dias, sobre fundamentos, usos e funções da linguagem, além de termos realizado algumas palestras com os pais quando lhes mostramos a importância da leitura e do acompanhamento das atividades dos seus filhos, tanto para valorizar as atividades da escola quanto para saber o que os filhos estavam fazendo na escola.

Com certa dificuldade, os professores falaram que não sabiam bem onde aplicar aqueles conhecimentos. Depois de pensar um pouco, completaram *“...eu mudei na forma de avaliar. Já não considero a palavra errada, assim da primeira vez”* Todos responderam que o curso ministrado pelos pesquisadores foi muito importante para eles não reprovarem a fala dos alunos, que eles não corrigiam mais as dificuldades ortográficas, apenas acompanhavam e procuravam entendê-las. Que em todas as atividades eles procuravam partir de uma história contada pelas próprias crianças, dos recados enviados pelos pais (por escrito), e de canções conhecidas. E confirmaram que os pais depois da reunião ficaram mais atentos às atividades das crianças e que os filhos cujos pais acompanham as atividades da escola, sem dúvida, tinham melhor desempenho.

Parece ter ficado claro que a característica principal dessa pesquisa é permitir a auto-reflexão dos sujeitos sobre suas práticas, inclusive dos pesquisadores, de modo a permitir uma constante transformação de atitudes e procedimentos. Aliás, a escolha dessa perspectiva surgiu justamente em decorrência de auto-reflexões feitas por pesquisadores em atuação em pesquisas anteriores nesta área no Piauí, o que lhes permitiu não apenas se reverem como pesquisados e reverem suas práticas como professores mas que também os estimulou a expandir essa experiência a outros pesquisadores e pesquisados.

Vejamos, a seguir, algumas reflexões dos pesquisadores segundo as diversas propostas dos subprojetos dessa pesquisa.

## **Eventos de escrita de uma comunidade em teresina: uma microetnografia**

Tendo em vista a natureza deste estudo, como já mencionado, o que se constata ao final dessa experiência piloto é que, dentre outros aspectos relevantes, a Pesquisa Colaborativa, que se caracteriza por sua abordagem crítica, revela-se de grande importância, considerada, inclusive, um trabalho de capacitação, na medida em que permite uma análise, uma revisão de práticas cotidianas de sala de aula, tanto pelo professor, quanto pelo pesquisador.

Nessa perspectiva, no desenvolvimento desta pesquisa: *Eventos de Escrita de uma comunidade em Teresina: uma microetnografia*, começa-se a perceber uma sensibilidade por parte dos professores, sujeitos do estudo, ao considerarem a escrita da criança, tendo como origem a sua fala oral, não bloqueando essa escrita, mas ao contrário, valorizando-a.

É bem verdade que essa mudança do professor ainda é um tanto sutil, mesmo assim, através da postura pedagógica desse professor, seja no planejamento, seja na execução de tarefas referentes ao ensino de leitura e de escrita, já é visível a sua modificação ao considerar, por exemplo, as primeiras manifestações escritas da criança, valorizando as funções da escrita, da comunicação, da expressão.

Obviamente que não é, ainda, o caso de considerá-los realmente conscientes, professores e alunos, cada um na sua dimensão, porém o que se evidencia é que, principalmente o professor, está tendo mais clareza acerca da sua forma de atuação, do seu fazer pedagógico relacionado ao ensino de escrita. Mesmo assim, é claramente perceptível que têm, de certo modo, bastantes dificuldades em avaliar sua própria prática, o que não nos autoriza afirmar que estão plenamente confiantes, conscientes, certos dessa realidade, que também se constitui uma necessidade no processo de ensino em geral e, particularmente, no processo de ensino e aprendizagem da língua escrita.

## **O processo de interação social na formação linguística do professor de educação infantil**

Nesta comunicação apresentaremos resultados de uma pesquisa colaborativa (Cameron, 1992 e Magalhães 1994), onde se busca investigar a formação linguística do professor, num contexto concreto e significativo de interação verbal. Erikson e Shultz (1982) nos remete a análise interacional como um fator essencial para comunicação humana.

Dentro desta perspectiva objetivamos analisar a prática pedagógica do professor que não é só um objeto de estudo, mas participante (Costa, 1997), contribuindo com o conhecimento de sua própria realidade e ajudando a produzir novos conhecimentos.

Partimos do princípio de que em uma concepção de formação linguística do professor deva-se levar em conta o conhecimento do contexto social em que ocorre esta formação, bem como o processo de interação social vivido pelos participantes da comunidade escolar e ainda, todo o sistema de relações sociais imbricados no processo de ensino-aprendizagem.

Como esta pesquisa está sendo desenvolvida em um bairro de periferia, e ainda em duas escolas comunitárias, como já dissemos, pretendemos que a reflexão seja feita também pelos professores pesquisados. Embora entendendo que o processo de reflexão seja sempre muito lento, pois parte do próprio sujeito para entender o seu nível de formação, suas possibilidades e limitações. Isto demanda tempo e nem sempre é fácil

de ser conduzido, mas é de fundamental importância, para uma reflexão crítica a que são submetidos os participantes do trabalho.

Exemplo das dificuldades de se refletir sobre o que fazemos como professores pode muito bem ser ilustrado com as observações dos professores da escola sobre seu desempenho. Como constatamos sempre colocam seus problemas no material didático, na falta de tempo, etc. Só um professor falou de sua formação. Disse que sair do curso pedagógico para assumir a sala de aula é difícil para eles. Uma professora disse que a culpa está nela mesma, que poderia melhorar a aula, mas não tinha tempo, pois estudava e trabalhava. Contudo, chamou-nos a atenção o fato de em nenhum momento eles colocarem a culpa nos alunos, como é comum na escola pública, quando os professores afirmam, inclusive, que os alunos não querem nada.

Diante do exposto, concluímos que ainda é pouco o nível de consciência crítica dos professores, pois para eles, nesse processo, é muito mais importante um curso que lhes ofereça técnica de sala de aula, mesmo que não as estejam usando, do que os fundamentos teóricos que subsidiam sua prática.

Neste sentido, como estamos convencidos, o resultado deste estudo piloto nos aponta caminhos para um estudo mais consciente dos problemas de línguas, onde pesquisadores e pesquisados possam ampliar as oportunidades de acesso à língua de prestígio às camadas populares, considerando que têm mais possibilidades de obterem informações quanto as funções sociais dessa língua, em situações concretas, na comunidade, permitindo assim, um direcionamento e articulação de conhecimentos linguísticos, com a realidade dos falantes.

## **A interface oralidade / escrita no ensino de língua**

Este subprojeto “A interface oralidade / escrita no ensino de língua” visa observar a relação oralidade / escrita para uma análise de sua implicação no aprendizado da L. E.

A perspectiva de letramento que se enfoca é a que dá ênfase aos tipos de práticas sociais nas quais falar, ler, e escrever estão inseridas e, fora das quais, elas se desenvolvem.

Isso evidencia a responsabilidade maior que tem o professor de crianças incluídas num baixo grau de letramento (cf. Rojo, 1995: 71, 2) aquelas “de nenhum uso de escrita até uso de escrita para funções empráticas (bilhetes, cartas, recados, cheques) e para a transmissão de conhecimento efêmero (uso mnemônico – listas, anotações – e orientação espaço – temporal – rótulos, letreiros)” para incluí-las na cultura escolar que é a cultura da escrita.

Seguindo a proposta desta pesquisa, no presente estágio, as professoras – na qualidade de sujeitos – foram convidadas a refletir, a avaliar, a explicar seus desempenhos docentes, suas atitudes, suas ações nes-

se processo de conscientização.

De modo particular, no que se refere à realidade de lingüística, objetiva-se levar as docentes a uma auto-reflexão, para uma possível e efetiva ação / transformação no processo de ensino – aprendizagem da língua.

As conclusões a que elas mesmas chegaram mostram parte do caminho percorrido durante o tempo que as acompanhamos no trabalho escolar. A exposição, a seguir, demonstra que houve um sensível avanço na compreensão de suas ações pedagógicas com substancial qualidade no trabalho por elas desenvolvido. Segundo seus depoimentos, elas declaram que:

- Passaram a adotar como ponto de partida de toda e qualquer atividade docente, o uso de um texto oral tal como: histórias contadas pelas crianças referentes ao seu dia-a-dia; recados enviados pelos pais, e até mesmo pequenas canções do repertório infantil, fazendo uma ligação natural do universo da criança com o conteúdo que desejam ensinar ou hábito que pretendem reforçar nos casos de higiene, alimentação, boas maneiras, etc.

- Incluíram nos textos de estudo os textos orais produzidos pelas crianças. As narrativas espontâneas das crianças são transformadas em textos escritos pelas professoras, copiados pelos alunos que passaram a ser utilizados como material para a alfabetização.

- Utilizaram músicas – poemas cantados é outro recurso de que se têm valido as professoras para motivar seus alunos. Ao mesmo tempo que se vai desenvolvendo o lado emotivo da criança elas vão sentindo prazer nas atividades da aula. É uma maneira inteligente de levar o aluno a se envolver prazerosamente no “fazer”, no “aprender”, no “construir seu saber”. Com esse estímulo os aprendizes se pre-dispõem à recepção das mensagens contidas nos textos cantados sendo intuitivamente levados a se apropriar de certos mecanismo da língua. É uma forma de brincar com os sons, com as rimas, com as palavras. Com o trabalho lúdico cresce o aprendizado lingüístico da criança.

- Vivenciaram outro aspecto positivo que foi o estabelecimento de um diálogo mais aberto entre as professoras e as crianças. Conjuntamente elas passaram a explorar suas próprias realidades socioculturais. Essa nova atitude está levando as crianças a passarem da categoria de “assistentes”, de observadoras, para a de sujeitos ativos, mais atuantes o que, sem dúvida, as torna mais reflexivas com o processo individual de escolarização dos alunos;

- A participação mais efetiva dos pais acompanhando o desenvolvimento escolar de seus filhos foi outra eficiente contribuição para o trabalho das professoras. Elas afirmam que as crianças cujos pais dão assistência, no lar, demonstrando interesse pelo seu aprendizado, são as mais adiantados da classe.

Essas declarações das professoras vêm reforçar nosso posicionamento quanto ao lugar e às relações que a Língua Oral ocupa no ensino da Língua Escrita.

Visto que as atividades de linguagem são

interativas, levando em conta a realidade lingüística do aluno que é valorizada, a Língua Oral serve para estabelecer uma ponte para o aprendizado da Língua Escrita.

No momento em que as crianças compreendem que sua fala, seu modo de expressão, de comunicação tem valor, que elas são ouvidas cresce sua auto-estima. Esse é um passo muito significativo para aquelas crianças que pertencem a uma comunidade lingüística discriminada por sua fala que foge dos padrões do falar urbano, por terem pais iletrados, e pelo próprio perfil sociocultural.

Quanto às professoras, apresentam uma atitude positiva no sentido de rever ou redimensionar sua prática pedagógica. Nesse particular nos sentimos gratificadas por esse período de acompanhamento proporcionado pelo projeto L. E. S.

É certo que ainda há um longo caminho a percorrer, mas a realização do aproveitamento das professoras foi visível e nos estimula a acompanhar os que se doam, como nós, no ato político de ensinar.

Por fim, ressaltamos um último aspecto. As professoras ao serem interrogadas sobre o que elas consideravam um aluno alfabetizado obtivemos como resposta que é “aquela que lê, escreve e entende o que faz”.

Julgamos necessário prosseguir com este trabalho, seguindo outra perspectiva para que questões tão básicas e fundamentais como as focalizadas por este subprojeto orientem um trabalho através do qual posicionamentos cada vez mais comprometidos com o crescimento do educando possam aflorar com vistas à pós-alfabetização do aluno.

## A Integração Escola / Comunidade e o sucesso escolar

Na escola comunitária do Bairro Vila Bandeirante, universo dessa pesquisa, temos demonstrado a existência da interação professor/aluno através de formas de comunicação específicas dessa comunidade em situações de aula. Nessas formas de comunicação entre professor e alunos, em que praticamente não aparecem pistas de contextualização explícitas ou, pelo menos, não marcadas, constatou-se que a interação efetivou-se plenamente. Foi observado que na comunicação com os alunos o professor agia com base em pressuposto implícito e que essas interpretações só são possíveis porque ambos pertencem à mesma comunidade ou rede de fala.

Dados mais recentes dessa pesquisa e principalmente dessa atividade de exibição do vídeo nos levam a algumas indagações adicionais:

1) Em que medida a interação professor-aluno, observada nessa escola, pode responder pela interação escola/comunidade?

2) A interação professor-aluno através do uso de formas comuns ou usuais de comunicação entre professor/aluno seria suficiente para garantir o sucesso do ensino de língua?

3) Que fatores lingüísticos, pedagógicos, so-

ciais, em geral, responderiam pelo sucesso de uma escola, mais especificamente, pelo sucesso no ensino de língua?

4) Como conscientizar os professores e a comunidade em geral acerca desses fatores?

A partir dos dados considerados para essa análise pode-se concluir o seguinte:

Há, sem dúvida, uma certa integração dessa escola com a comunidade dos seus alunos até porque tanto os alunos quanto os professores pertencem à mesma comunidade. O que há de destaque é a efetiva interação comunicativa entre professores e alunos através da utilização de formas de comunicação usuais da comunidade, e a participação dos pais nas atividades da escola e no acompanhamento das atividades dos filhos. Isso não significa, entretanto, que escola e comunidade atendam às expectativas recíprocas e estejam, de fato, integradas.

O fato de se defender que a escola deva ser mais uma instância social da comunidade e a ela integrada, não acarreta que deva constituir-se em uma simples extensão sua. As atitudes interacionais em geral e os comportamentos comunicativos em particular, de professores e alunos, permitem caracterizar a situação de sala de aula como uma qualquer que ocorre na comunidade. Se tal é, por um lado, desejável, por permitir a interação linguística professor-aluno, tão ausente na maioria das escolas públicas, por outro lado, revela a falta de um propósito definido e claro de ensino do uso e funções da variedade culta da língua, mesmo como uma forma alternativa de comunicação.

Isso parece dever-se, em parte, ao fato de a Escola Comunitária estar administrativamente desvinculada do sistema de ensino. Não existem instâncias administrativas ou didático-pedagógicas exteriores (Secretaria Estadual ou Municipal de Educação) que interfiram sistematicamente quer na orientação quer na prática dos professores e mantenedores da escola, fato que, na maioria dos casos, dificulta ou até impede a integração.

A integração professor-aluno e a integração professor-comunidade está tão implícita nas atitudes e nas práticas dos professores que não chegam a ser claramente percebidas como algo desejável em face do fato de esta ser para os professores a forma natural de sua atuação. Essa não percepção clara da relativa integração natural da escola comunitária com a comunidade, se não lhe retira o caráter benéfico que possibilita uma ação educativa produtiva e eficaz para a comunidade, também não caracteriza essa escola como desenvolvendo uma ação consciente, com finalidades e objetivos claramente definidos. A atuação da escola insere-se, ainda, no campo das práticas espontâneas, as quais, apenas por coincidência e não por necessidade, apresentam resultados satisfatórios - aprendizagem da língua - mas cujo sentido mais profundo ainda escapa à maioria dos atores.

A solução parece estar na dependência de uma auto-reflexão - propósito explícito da pesquisa colaborativa - que agora inclua não apenas as atitudes e as

práticas pedagógicas dos professores mas também suas atitudes e práticas como membros da comunidade - e que também a comunidade seja incluída nessa reflexão.

Estamos convencidos, entretanto, de que a continuidade da reflexão poderá levar a todos, especialmente professores e comunidade, a traçar rumos próprios e claros para a atuação da escola.

## Referências Bibliográficas

- BORTONI, Stella Maris (1992) "Educação bidialetal - O que é? É possível?". *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa. N.º 7, jul.1992.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris (1994). Variação linguística e atividades de letramento em sala de aula. In: KLEIMAN A. (org.) *Os significados do Letramento*, São Paulo: Mercado das Letras. p. 82-94.
- CAMERON, Deborah et al. (1992). *Researching Language: Issues of Power and Method*. Londres: Routledge.
- COSTA, Catarina de Sena. (1996). A perspectiva interdisciplinar do curso de Mestrado em Educação. *Revista Linguagens Educação e Sociedade*. Teresina:UFPI. Vol.1, nº 1. UFPI, 1996. p.15-27.
- COSTA, Catarina de S.S,M (1997). Educação e vida sociocultural em Teresina numa dimensão sociolinguística: a língua nos processos interacionais na escola e na sociedade: Projeto Língua, Escola e Sociedade. Trabalho publicado nos Anais do I SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (I SNEL). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa - PB.
- COSTA, Catarina de S.S,M et alli (1998) *Educação e vida sociocultural em Teresina numa dimensão sociolinguística: a língua nos processos interacionais na escola e na sociedade* Projeto Língua, Escola e Sociedade. Comunicação apresentado no XVI GELNE a ser publicada na Revista do Encontro. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE.
- GEUS, Raymond. (1988). *Teoria Crítica: Habermas e a Escola de Frankfurt*. Campinas (SP): Papirus.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org) (1998). *Os significados do Letramento*. Campinas, S.P: Mercado de Letras.
- ROJO, Roxane H. R. (1998). "Concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como "um outro modo de falar". In KLEIMAN, A. (org) *Os significados do Letramento*. Campinas, S.P: Mercado de Letras.
- RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (1998). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE.
- SERRA, M. Anecy C. M. (1997). *A Interface Oralidade / Escrita no ensino de língua materna: confronto de narrativas*. Teresina, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí.